

16 Com

Brasil, o país que ficou para trás

GAZETA MERCANTIL
* 2 ABR 1993

por Maria Clara R. M. do Prado
de Hamburgo

Os governos dos países desenvolvidos, credores do Brasil, não estão convencidos de que haja condições para um programa de estabilização a curto prazo no País. A elevada taxa de inflação, a queda do Produto Interno Bruto (PIB) e a inexistência de medidas para o ajuste fiscal afetam a imagem do Brasil no exterior — que voltou a deteriorar-se depois de uma pequena fase de trégua, no início do ano passado, quando foi assinado o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Na comunidade bancária internacional, os bancos credores continuam com o acordo da dívida externa na medida do possível com receio de que uma demora excessiva possa colocar para perda todo o entendimento até aqui feito. Não há, no entanto, apoio concreto dos governos credores ao País e as ameaças do presidente Itamar Franco contra os oligopólios tiveram os efeitos esperados sobre os investidores estrangeiros, que voltaram a reclamar do governo brasileiro.

Entre os 45 países-membros do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), cujos representantes estiveram reunidos no início desta semana em Hamburgo, o Brasil foi o único apontado quase que unanimemente como o mais problemático da América Latina, aquele que ficou para trás porque até agora não conseguiu implementar um programa de estabilização com resultados a médio prazo.

Há dúvidas com relação a um acordo com o Fundo neste ano. O Banco Mundial, sempre mais duro com relação ao quadro macroeconômico do País, faz críticas à falta de um esforço para enquadrar-se em uma situação de baixa inflação com crescimento econômico. O governo alemão alega um atrasado de cerca de 6 milhões de marcos (US\$ 3,7 milhões) que tem a receber de amortizações de antigas operações. Esse atraso está bloqueando todo o financiamento oficial alemão ao Brasil, seja do crédito ao comércio externo, seja de créditos contratados em bases concessionais. O problema foi discutido no encontro que a ministra do Planejamento, Yeda Crusius, teve em Hamburgo com representantes do Kreditanstalt für Wiederaufbau (KfW), o banco oficial do governo

(Continua na página 6)

Economia

Brasil, o país que ficou para trás

* 2 ABR 1993
GAZETA MERCANTIL

por Maria Clara R. M. do Prado
de Hamburgo
(Continuação da 1ª página)

alemão para financiamentos ao exterior. Não há ainda solução porque o Brasil só reconhece 3 milhões de marcos (US\$ 1,8 milhão) daqueles atrasados.

No encontro bilateral entre representantes dos governos brasileiro e norte-americano — a ministra não participou dessa reunião porque o vice-secretário do Tesouro norte-americano para assuntos internacionais, Larry Summers, não compareceu à reunião anual do BID —, o clima não foi afável. Duras críticas foram ouvidas pelos brasileiros contra o fato de não se esforçarem para baixar a inflação. Também aos japoneses foi preciso explicar que há medidas em estudo e que em breve o governo deverá definir um plano econômico.

Além das intenções do governo de definir um programa de estabilização sem choques, a ministra Yeda Crusius levou para o exterior — como avanços na área econômica — ape-

nas a retomada do programa de privatização e a nova lei aprovada pelo Congresso Nacional sobre a abertura dos portos. Isso é pouco para aqueles que frontalmente voltaram a atacar o Brasil e não sabem sequer direito o nome da ministra do Planejamento ou do ministro da Fazenda.

Os ataques ao Brasil não ficaram restritos aos bastidores. Na verdade, tiveram grande impacto pelos salões do centro de convenções em Hamburgo, onde se realizava a XXXIV Assembleia Geral de Governadores do BID, as declarações do membro do conselho de administração da Volkswagen AG, da Alemanha, Werner Schmidt. Ele criticou severamente o governo brasileiro. "Nossa confiança no Brasil é muito limitada com todas as intervenções que têm ocorrido na economia do País", disse ele, chegando a admitir para um auditório repleto que não estava ali para "agradar ao governo brasileiro". Nenhum dos brasileiros presentes tomou a palavra para fazer qualquer observação.